



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA

**ARTES NA EDUCAÇÃO DOS ANOS INICIAIS: A VALORIZAÇÃO DAS ARTES
COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO AMBIENTE
ESCOLAR**

Márcia Edinéa dos Santos

Lajeado, Novembro de 2017

Márcia Edinéa dos Santos

**ARTES NA EDUCAÇÃO DOS ANOS INICIAIS: A VALORIZAÇÃO DAS ARTES
COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Curso II, do Curso de Pedagogia, da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Prof. Ms. Bruno da Silva Teixeira

Lajeado, Novembro de 2017

RESUMO

A presente pesquisa surgiu por meio das várias vivências no ambiente escolar, em uma escola de ensino fundamental, na cidade de Venâncio Aires, Vale do Rio Pardo. O projeto se fundamenta pelo fato de que as Artes, no ambiente escolar, não ocupam um espaço relevante por parte dos educadores, equipe diretiva e, muitas vezes, pela própria família. A disciplina de Artes faz parte da Lei de Diretrizes e Bases, mas na prática pedagógica cotidiana da escola, percebe-se que há uma forte desvalorização desse componente. Entretanto, o estudo das Artes é significativo na formação dos estudantes, uma vez que promove a construção da identidade, proporciona liberdade de expressão pessoal e social, estimula a criação e criatividade, levando-os também a um olhar sensível ao mundo que os cerca. Para investigar e analisar essas dificuldades, descobrir as inquietudes e conhecer melhor a realidade nas escolas, foram realizadas entrevistas com professores formados e não formados na área. Além disso, partindo desses pressupostos, foi realizada uma atividade de Artes com alunos na faixa etária entre 09 e 10 anos, em uma escola privada de Venâncio Aires, RS. O presente trabalho de conclusão, do curso de Pedagogia, buscou mostrar a importância dessa disciplina, para que se olhe a Arte como uma estratégia, cuja pode conduzir de maneira prazerosa e diferente o aprendizado da criança. E, inclusive, pode ser um meio motivador para ensinar, visando à interdisciplinaridade e contribuindo no processo de ensino aprendizagem.

Palavras - chave: Pedagogia; Artes na escola; Inquietudes; Estratégia pedagógica.

AGRADECIMENTOS

São seis anos que se passaram desde o dia em que iniciei minha vida acadêmica. Houve momentos em que muitas pessoas passaram e fizeram-se presentes em minha rotina dentro e fora da universidade. Se olhar para trás, vejo o quanto cada uma delas se fez importante e escreveu junto essa história.

Ingressar na Universidade foi um desafio, cujo decidi enfrentar. Optei em buscar um sonho que estava guardado e até mesmo já esquecido por mim. Muitos foram os momentos em que pensei se iria chegar ao fim. Portanto, chegar até aqui possui um significado imenso. Foi o que conquistei por acreditar na minha força e no quanto eu poderia ainda ser. Realizar sonhos só depende de cada um de nós e não é impossível como pensamos, basta lutar por eles.

Muitas foram as pessoas que acreditaram no meu potencial e no quanto eu era capaz. São pessoas que merecem os mais sinceros votos de agradecimentos, que ocupam um lugar especial em minha vida. Entre elas, minha família, filhos queridos e amados, mãe, irmã e meu pai que já ocupa outro plano que não é o mesmo que o nosso, mas acredito que, de lá, torce imensamente e continua olhando por mim.

Antes de qualquer pessoa que aqui me dirijo, quero agradecer em especial a Deus, que em todos os momentos se fez presente, trazendo a força que precisava encontrar, por mostrar o quanto sou forte e que tudo posso quando Nele confio.

Agradecer aos meus filhos, Elias e Thales, que sempre me acompanharam nessa busca diária, muitas vezes indo juntos para a faculdade. Foram momentos de alegria e também de muitas preocupações, por ser mãe e ao mesmo tempo dividindo o mesmo espaço que eles, como alunos. E sempre pude sentir neles o quanto se sentiam orgulhosos de estarmos juntos.

Agradeço a minha mãe, que mesmo quieta, sem muitas palavras a me dizer, mas que eu sabia que estava ali, desejando o melhor para minha vida. Ela sabia o quanto eu queria me tornar professora, e como eu desejei dar a ela essa alegria e orgulho. Jamais posso esquecer minha irmã que, também professora, vibra comigo essa conquista.

Agradeço aos colegas de trabalho, de faculdade, em especial a minha colega Carla Cunha, pois muitos foram os momentos de alegrias e também angustias que passamos juntas, mas uma parceria e um laço de amizade que deu certo, um carinho que vamos levar para vida toda. Amigos que, diante dos obstáculos, me diziam para jamais pensar em desistir, que estavam ali comigo sempre.

Aos meus queridos professores, que estavam presentes para orientar-me em todas as dificuldades e não mediram esforços para dar o suporte que eu necessitava, e que agora fica o vínculo de amizade que conquistamos durante esses anos que passamos juntos.

Um agradecimento muito especial ao professor orientador Bruno da Silva Teixeira, que confiou no meu potencial em relação ao desenvolvimento deste trabalho de pesquisa e que, a cada encontro de orientação, me fazia sentir confiante e segura quanto ao desenvolvimento da pesquisa. Igualmente a professora Rosiene Souza Haething, que buscou me ajudar com seu conhecimento e sugestões para melhorar e construir este trabalho da melhor maneira.

Enfim, estar realizando este sonho é mostrar a mim mesma que nesta vida não há o que eu não possa atingir se acreditar na minha força, no meu potencial e, acima de tudo, jamais deixar de sonhar.

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remova pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Cora Coralina

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos, que sempre acreditaram na minha força, à minha família que esteve sempre ao meu lado, ao meu pai que não está mais presente fisicamente em minha vida, mas me acompanha de onde está e a todos que acreditam na Arte como uma estratégia, por meio da qual cada ser pode se descobrir e se expressar com liberdade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trabalho com argila com os alunos dos Anos Iniciais.....	20
Figura 2 – Trabalho com argila.....	21
Figura 3 – Pintura nas peças de argila.....	21
Figura 4 – Pinturas nas peças de argila.....	22
Figura 5 – A rotina da criança por meio da Arte Rupestre.....	27
Figura 6 – A rotina da criança por meio da Arte Rupestre.....	27
Figura 7 - Corpo e movimento – aulas de dança.....	33
Figura 8 – Corpo e movimento – aulas de dança.....	33
Figura 9 – Escolha das imagens feitas pelos alunos.....	50
Figura 10 – Escolha dos objetos.....	51
Figura 11 – Contorno das sombras.....	51
Figura 12 – Exploração das sombras.....	52
Figura 13 – Exploração das sombras.....	52
Figura 14 – Exploração das sombras.....	53
Figura 15 – Alunos e o retroprojektor.....	53
Figura 16 – Organização do material.....	54
Figura 17 – Pintura das imagens.....	54
Figura 18 – Pintura das imagens.....	55
Figura 19 – Pintura das imagens.....	55
Figura 20 – Trabalho pronto com recorte.....	56
Figura 21 – Trabalho pronto com recorte.....	56
Figura 22 – Exposição do trabalho na escola.....	57
Figura 23 – Exposição do trabalho na escola.....	57
Figura 24 – Exposição do trabalho na escola.....	58
Figura 25 – Exposição do trabalho na escola.....	58
Figura 26 – Exposição do trabalho na escola.....	59
Figura 27 – Exposição do trabalho na escola.....	59
Figura 28 – Exposição do trabalho na escola.....	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Objetivos	10
1.1.1 Objetivo geral	10
1.1.2 Objetivos específicos.....	10
1.2 Problematização.....	11
1.3 Justificativa.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Considerações sobre o surgimento das escolas no Brasil	13
2.2 Leis de Diretrizes e Bases.....	16
2.3 A presença das Artes na Lei de Diretrizes e Bases	17
2.4 Como são desenvolvidas as artes no ambiente escolar	19
2.5 Os fatores que levam a possíveis resistências contra as práticas artísticas no ambiente escolar	29
2.6 As artes e o exercício da sensibilização no ensino contemporâneo	34
3 METODOLOGIA	37
3.1 Tipo de Pesquisa	37
3.2 Coleta e análise de dados	46
3.3 Proposta de atividade.....	49
3.4 Desenvolvimento da atividade.....	49
3.5 Análises da atividade	60
3.6 Análises finais	62
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

As Artes possuem um papel significativo na formação dos estudantes, portanto, a Educação exige profissionais que compreendam as Artes em suas variações, para desenvolver a aprendizagem, estimular a criação, ensinar de maneira lúdica e estimulante, dessa forma, valorizando a expressão de cada aluno e desenvolvendo suas potencialidades, de acordo com cada faixa etária. Durante a trajetória acadêmica e por meio da atuação como professora em escola de turno integral, com turmas de terceiro e quarto anos, foi observado que as Artes não têm a devida importância dentro do âmbito escolar, ou seja, essa disciplina não está dentro do plano curricular ou não é tratada com a relevância correspondente.

A disciplina de Artes faz parte da Lei de Diretrizes e Bases (1996), mas na prática pedagógica do cotidiano escolar, percebe-se que ela não recebe o destaque necessário. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o professor geralmente tem pouca qualificação dentro dessa área. Nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, também existe essa dificuldade, pois muitas vezes faltam pessoas qualificadas, por esse motivo, há professores que atuam na disciplina de Artes mesmo sem a formação adequada, normalmente para preencher a carga horária e, conseqüentemente aumentar sua renda. Dessa forma, é comum a realização de um trabalho sem finalidade, sem objetivos claros, sem conteúdo concreto, banalizando esse componente curricular, sem dar a real importância para a formação do indivíduo como ser único construtor de sua própria história.

Acreditando que as Artes contribuem para a formação do aluno, uma vez que promovem a construção da sua própria identidade, proporcionam sua expressão pessoal e social e a sensibilização que o ajudará a tornar-se cada vez mais autor da sua história, foi que surgiu a inquietude sobre esse tema tão relevante e ao mesmo

tempo tão esquecido pela comunidade escolar. É nesse sentido que o presente trabalho busca estudar e compreender o porquê dessa falta de interesse e desvalorização quando o tema é “Artes”.

Muitas vezes, as famílias minimizam a importância das Artes, considerando uma subdisciplina, sem a importância que se atribui a outros componentes, como matemática e português, por exemplo. Diante desse contexto escolar e familiar, o próprio aluno não enxerga nas Artes a verdadeira importância, sendo frequente não produzir o que é solicitado ou fazer com o mínimo esforço. Essa realidade precisa mudar, é necessário que a prática pedagógica busque respostas e alternativas para aprimorar a rotina escolar e realizar atividades significativas, uma tarefa para todos, que começa pelo professor das séries iniciais. É fundamental utilizar as Artes com real significado, tendo uma proposta clara de como desenvolver as diversas formas de expressão do aluno, visto que é na escola que se contribui para formação integral do ser humano, desenvolvendo suas potencialidades e capacidades.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Investigar e analisar quais as dificuldades existentes de aceitação e valorização, por parte de pais, estudantes e escola, das atividades de artes como estratégia pedagógica no ensino e aprendizagem durante os anos iniciais do Ensino Fundamental.

1.1.2 Objetivos específicos

- Construir referencial teórico acerca da presença das artes no ambiente escolar;
- Analisar e descrever quais as dificuldades existentes na aceitação da atividade artística como método de ensino-aprendizagem;
- Elaborar uma atividade pedagógica, a ser definida, que atenda aos propósitos do projeto;
- Aplicar a atividade em uma escola privada, no município de Venâncio Aires, com estudantes dos Anos Iniciais.

1.2 Problematização

Considerando que a disciplina de Artes compõe o currículo escolar, o que torna obrigatória a disciplina no Ensino Fundamental e em pelo menos um ano no Ensino Médio, é um paradoxo perceber o quanto é desvalorizada por parte dos órgãos públicos e equipes diretivas das escolas, que atribuem um caráter secundário a esse componente, muitas vezes, tratando como um simples cumprimento legal.

Todavia, percebe-se, mediante práticas significativas no desenvolvimento das Artes, o quanto ela pode ser uma aliada para outras áreas do conhecimento quando o assunto é a aprendizagem, especialmente nos anos iniciais, quando o aluno se mostra aberto para a criação e expressão. Dessa forma, é uma excelente alternativa na hora de passar os conteúdos e também na construção da identidade do educando, trabalhando com a interdisciplinaridade.

Diante de tais pressupostos, surgiu uma inquietude, pois o que se observa corriqueiramente nas escolas são professores sem nenhuma formação ocupando e preenchendo sua carga horária com a disciplina de Artes. Também há escolas sem nenhum espaço garantido para trabalhar as artes em suas diversas formas, como: visuais, dança, música e teatro. Além disso, é comum a direção não disponibilizar algum valor financeiro ou algum material para realização das atividades na área.

Inclusive, é possível constatar que muitos professores elaboram as atividades da arte-criação sem nenhuma inovação e originalidade, usando sempre o lápis colorido e o papel, achando que a Arte só deverá ser trabalhada em datas comemorativas, em confecções de presentes ou apresentações esporádicas. Enfim, diante de tantos pontos negativos e por ter uma visão aberta e construtiva em relação à Arte, surge o seguinte questionamento: Por que a disciplina de Artes, mesmo estando presente dentro dos Parâmetros Curriculares, não está sendo vista como uma importante ferramenta de aprendizado dentro do ambiente escolar?

1.3 Justificativa

A escolha desse projeto, “Artes na Educação dos Anos Iniciais: A subvalorização das artes como estratégias de ensino e aprendizagem no ambiente escolar”, se fundamenta pelo fato de que as artes, dentro da escola, não ocupam um

espaço de importância e valorização por parte dos educadores e da equipe diretiva, assim como pela própria família, muitas vezes. Entretanto, a disciplina de Artes deve ser relevante dentro de um currículo escolar, para a formação e construção de identidade do educando. Deveria ser pensada como um forte e potente recurso para ajudar a desenvolver todo um trabalho de experimentos, criação e busca de um indivíduo seguro e crítico, facilitando assim seu desempenho e realização profissional, bem como nas relações sociais que terá no decorrer de sua vida.

É interessante pensar na arte como um veículo, no qual a criança fará vínculos com outras áreas de sua aprendizagem, pois é durante sua passagem pela educação infantil, realizando desenhos, que ela passa a fazer conexões com seu mundo e sua realidade social. Portanto, se pode pensar que as artes, dentro de um contexto escolar em anos iniciais, poderão trazer benefícios para o aprendizado. O teatro, música, dança e as artes visuais, poderão ser um facilitador para o desenvolvimento de produções textuais, pois a criança passará a ter uma visão mais crítica de mundo, bem como melhorar o seu raciocínio para questões de problemas matemáticos, por exemplo.

É importante que a escola tenha um olhar mais sensível para a disciplina de Artes. A criança aprenderá com mais facilidade em um ambiente agradável, onde as aulas tenham objetivos e sejam estimuladoras, e para isso, é preciso pensar em aulas mais criativas e lúdicas, em um espaço onde a criança poderá de diferentes formas expressar suas emoções e sua personalidade, o que também será importante para a relação professor e aluno.

A escola pode partir de um pressuposto que a arte não se limita em recortes, colagens, tinta e desenhos prontos, é possível ir muito além, por meio de formas criativas, partindo daquilo que a criança trará de sua realidade, vivências de seu cotidiano, com a real expressão do aluno. Além disso, usar a tecnologia como uma aliada para as criações pode ser muito proveitoso, criando ideias e atividades novas, saindo de uma rotina em que a própria criança está acostumada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Considerações sobre o surgimento das escolas no Brasil

A história da educação no Brasil teve seu início em 1549, com a chegada dos primeiros padres jesuítas, e deixou marcas profundas na cultura, história e civilização do Brasil. O objetivo principal dos jesuítas era sem dúvida a propagação da fé cristã, movidos por um forte sentimento religioso, e por mais de dois séculos foram eles basicamente os únicos educadores do país.

De acordo com Romanelli:

Foi ela, a educação dada pelos jesuítas, transformada em educação de classe, com as características que tão bem distinguiam a aristocracia rural brasileira, que atravessou todo o período colonial e imperial e atingiu o período republicano, sem ter sofrido em suas bases, qualquer modificação estrutural, mesmo quando a demanda social de educação começou a aumentar, atingindo as camadas mais baixas da população e obrigando a sociedade a ampliar sua oferta escolar. (ROMANELLI,2002.p.34),

Com a expulsão dos jesuítas de Portugal e suas colônias, em 1759, houve um grande hiato durante décadas na educação brasileira. Segundo Libâneo (1994), somente em 1808, com a vinda da família real para o Brasil, a educação e a cultura tomaram um novo impulso, com o surgimento de instituições culturais e científicas, de ensino técnico e dos primeiros cursos superiores, mas a preocupação maior era com a formação profissional para poucos, para a elite brasileira que emergia.

Com a expulsão dos jesuítas, o sistema educacional brasileiro entra num período de retrocesso conforme ressalta Aranha:

O Marquês de Pombal só inicia a reconstrução do ensino uma década mais tarde, provocando o retrocesso de todo o sistema educacional brasileiro. Várias medidas desconexas e fragmentadas antecedem as primeiras providências mais efetivas, levadas a sério só a partir de 1772, quando é implantado o ensino público oficial. A coroa nomeia professores e estabelece planos de estudo e inspeção. O curso de humanidades, típicas do ensino jesuítico, é modificado para o sistema de aulas régias de disciplinas isoladas. (ARANHA, 1996, p. 134)

A independência do país em 1822 trouxe algumas mudanças no panorama sócio-político e econômico, inclusive em termos de política educacional. De fato, na Constituinte de 1823, pela primeira vez se associou apoio universal e educação popular - um aspecto como base de outro. Também foi debatida a criação de universidades no Brasil, com várias propostas apresentadas. Como resultado desse movimento de ideias, na Constituição de 1824, ficou assegurada a "instrução primária e gratuita a todos os cidadãos", confirmada logo depois pela lei de 15 de outubro de 1827, que determinou a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e vilarejos.

A ausência de um centro de unidade e ação, indispensável diante das características de formação cultural e política do país, acabou comprometendo a política imperial de educação, o que se fez sentir por várias décadas. A descentralização da educação básica, instituída em 1834, foi mantida pela República, impedindo o governo central de assumir uma posição estratégica de formulação e coordenação da política de universalização do ensino fundamental, como se passava nas nações europeias, nos Estados Unidos e no Japão, ampliando ainda mais a distância entre as elites do País e as camadas sociais populares. Essa prática persistiu até novas configurações na segunda metade do século XX, quando as Leis de Diretrizes e Base passaram a dar novo tratamento à educação, especialmente no atendimento às classes mais populares, até a implantação da obrigatoriedade de todas as crianças e adolescentes na escola, o que atualmente ainda se busca.

Até o início do século XX, a educação no Brasil esteve praticamente abandonada, no entender de Romanelli:

A economia colonial brasileira fundada na grande propriedade e não na mão-de-obra escrava teve implicações de ordem social e política bastante profundas. Ela favorece o aparecimento da unidade básica do sistema de produção, de vida social e do sistema de poder representado pela família patriarcal (ROMANELLI, 2001, p. 33).

Na década de 1920, devido ao panorama econômico-cultural e político que se traçou após a Primeira Grande Guerra, o Brasil começou a se repensar. Em diversos setores sociais, as mudanças foram debatidas e anunciadas. No período que vai da queda do Estado Novo, em 1945, até a Revolução de 1964, quando se iniciou um novo período autoritário, o sistema educacional brasileiro passou por mudanças consideráveis e, antes mesmo da aprovação da LDB/61, ocorreu um admirável movimento em defesa da escola pública, universal e gratuita, que foi efetivada nas demais LDB.

O movimento de 1964 interrompeu essa tendência. Em 1969 e 1971, foram aprovadas respectivamente a Lei 5.540/68 e 5.692/71, apresentando mudanças significativas na estrutura do Ensino Superior e do Ensino de 1º e 2º graus. A Constituição de 1988 foi expedida após um grande movimento pela redemocratização do país, e procurou inserir inovações e compromissos, com destaque para a universalização do ensino fundamental e erradicação do analfabetismo.

Gisela Wajskop (2013), diretora do Instituto Singularidades, em entrevista para a revista Nova Escola, afirma que "Devemos olhar para a história da Educação pelo tripé de quem faz (o homem), o contexto e o produto (o que foi feito), sempre com a perspectiva de entender o presente".

A educação, segundo Saviani (1997), é um fenômeno próprio dos seres humanos, e para a entendermos sua natureza precisamos antes compreender a natureza humana. O ser humano diferencia-se dos outros animais, ele "necessita produzir continuamente sua própria existência" (Saviani, 1997, p. 11). Ele transforma a natureza, criando um mundo humano, adaptando-a a si, por meio do trabalho. Esta é uma atividade com uma finalidade, algo intencional.

A educação escolar no Brasil, desde os primórdios de sua história, sempre foi pautada por uma forte tendência elitista e excludente. Cabe observar que ao longo

de quase quatro séculos – portanto os quatro primeiros períodos, as instituições escolares no Brasil constituíram um fenômeno restrito a pequenos grupos. Foi somente a partir da década de 1930 que se deu um crescimento acelerado emergindo, nos dois últimos períodos, a escola de massa.

2.2 Leis de Diretrizes e Bases

Com a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases/ 9394/96, houve avanço considerável na educação brasileira, especialmente na garantia de acesso e permanência para todos.

Como afirma a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 205, a educação é:

[...] direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

A Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 determina:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I. igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II. liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III. pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

- IV. respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V. coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI. gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII. valorização do profissional da educação escolar;
- VIII. gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX. garantia de padrão de qualidade;
- X. valorização da experiência extraescolar;
- XI. vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- XII. consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013).

2.3 A presença das Artes na Lei de Diretrizes e Bases

A Lei 11.274 altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

Esse parecer fixa a observação na organização curricular com aplicabilidade em todas as modalidades de Ensino Fundamental previstas na LDB como: EJA, Educação Campo, Educação Indígena e Educação Quilombola.

As propostas curriculares visam desenvolver o educando, assegurando a formação comum, fornecendo meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Os objetivos da escolarização são desenvolver a capacidade de aprender para dominar a leitura, escrita e cálculos, bem como compreender o ambiente natural, social, político, das artes, das tecnologias e dos valores que fundamentam uma sociedade, adquirir instrumentos e conhecimentos para se obter uma visão crítica de mundo, fortalecer vínculos com a família e com a comunidade, vislumbrando a solidariedade e tolerância.

O currículo é constituído pelas experiências escolares em torno do conhecimento. A concretude se dará por meio de ações educativas que envolvem alunos nas relações sociais, conhecimento científico, vivências e saberes e nos conhecimentos acumulados.

É parte explícita do currículo e contribui para parte implícita as experiências escolares que envolvam normas de convívio, rituais, rotinas, festividades, recreio, organização do tempo e do espaço escolar. Os conhecimentos escolares são aqueles que os professores selecionam, transformam, para serem ensinados e aprendidos. Servem de elementos para formação ética, política e estética do aluno.

Os conteúdos da Base Nacional Comum são constituídos em componentes curriculares que se articulam com áreas do conhecimento: Matemática, Linguagem, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

Na área da Linguagem, os componentes atribuídos são a Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Artes e Educação Física. Na área da Matemática está a Matemática, na área da Ciência fica a Ciências da Natureza e nas Ciências Humanas entra a História, Geografia e Ensino Religioso.

Em relação às Artes, a Lei de Diretrizes e Bases (1996) estabelece:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 1º. O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

As Diretrizes Curriculares Nacionais estabelecem que a história, culturas indígenas e afro-brasileiras devem estar presente obrigatoriamente nos conteúdos de todo o currículo em especial a Arte, Literatura e História do Brasil.

Da mesma forma afirma que, em Artes, a música constitui conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, que deverá compreender artes visuais, teatro e dança.

2.4 Como são desenvolvidas as artes no ambiente escolar

Conforme Silva et al. (2008), as artes perpassam a vida do ser humano durante toda a sua história. Desde seu nascimento ele traz consigo ações que lhe permitem uma interpretação de mundo. E é na infância, nos primeiros anos da vida escolar, que a criança expressa as mais diversas formas de suas relações com o mundo em que vive. Com frequência, a criança expressa suas emoções e sentimentos por meio de seus desenhos, interagindo com “aquilo” ou “quem” está em sua volta, e o professor consegue perceber suas emoções.

Nesse sentido, é essencial que o educador preste atenção no que a criança deseja transmitir, que consiga perceber suas emoções e assim estabelecer uma relação de segurança entre ambos. Além disso, é importante que o professor não interfira na expressão do tão jovem aluno, para que ele livremente devolva as estimulações que recebe do mundo que o cerca.

Segundo Silva et al. (2008), é no desenho, na música e no teatro que a criança vai se expressar de diferentes formas. A educação passou por evoluções, na escola tradicional, o desenho trazia relações do aluno com o seu mundo pessoal, já na escola contemporânea, a Arte trabalha a livre expressão do educando. Pode-se dizer que os arte-educadores têm como alicerce a construção do conhecimento. Ana Mae Barbosa (2003, p.17) diz que “Só um saber consciente e informado torna possível a aprendizagem em Arte.”

Na educação dos anos iniciais, foi observado o quanto a criança interage e como ela possui uma grande facilidade de expressão, considerando que em muitas situações esses momentos podem ser aproveitados para o seu aprendizado, mas o que falta, muitas vezes, é um olhar mais sensível por parte dos professores. Então se percebe o medo que muitos docentes colocam como barreiras para a realização da prática das Artes em seu planejamento, acham mais fácil trabalhar o seu conteúdo de maneira tradicional, sem inovação, sem criação e sem nenhum diferencial em suas aulas.

Conteúdos são passados da mesma maneira, ano após ano, ou seja, sempre iguais. Seria talvez a pesada carga horária desses professores, levando-os a falta de tempo para a preparação de aulas diferenciadas, mais atrativas para seus alunos? É importante pensarem métodos que conscientizem sobre importância da Arte como uma potente ferramenta para estimular os estudantes em uma participação mais

assídua nas suas aulas. Com certeza se for trabalhado desde a Educação Infantil e ter continuidade nos Anos Iniciais, teremos sempre uma maior participação do educando em todas as atividades dentro da escola.

Barbosa afirma que:

Não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da Arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte. (BARBOSA, 2003, p17)

Conforme a figura 1 – que está logo abaixo, a figura 2, 3 e 4 – que seguem nas páginas 16 e 17, pode-se observar um grupo de alunos trabalhando em um dia “diferente” na sua rotina escolar, dando importância ao espaço da sala de Artes da escola. Dessa forma, realizaram atividades com argila, dando continuidade ao aprendizado referente ao Dia do Índio. Nesse local, puderam criar objetos de barro e desenvolver a criatividade, pensando na cultura indígena. Eles foram observados através de vídeo durante a aula preparada pela professora. A aprendizagem foi enriquecida por atividades de artes com o barro e a pintura, as crianças tiveram momentos de criação, saindo da rotina padrão da aula e estudando de maneira diferenciada, saindo do modo tradicional em que as escolas trabalham essa data.

Figura 1 – Trabalho com argila com os alunos dos Anos Iniciais



Fonte: Autor

Figura 2 – Trabalho com argila.



Fonte: Autor

Figura 3 – Pintura nas peças de argila



Fonte: Autor

Figura 4 – Pinturas nas peças de argila



Fonte: Autor

Seguindo essa análise e reflexão, pode-se pensar que mesmo a disciplina de Artes estando dentro do currículo escolar e estabelecida na legislação (LDB 1996), ainda faltam professores qualificados para atuar na sala de aula, muitas vezes denotando que a mesma não tem a importância de outras disciplinas do currículo escolar. Um professor formado na área poderá realizar um trabalho mais significativo e poderá também elaborar aulas mais estimuladoras.

A implantação da Lei 5692/71, que colocava a Educação Artística como parte do currículo escolar, ocorrido nos anos 70, foi obrigatória, mas a formação dos profissionais veio a acontecer somente tempos mais tarde, quadro este que vem sendo quase repetido atualmente.

Pensar em ter profissionais formados em Artes dentro do ambiente escolar é fundamental, pois eles passarão a unir a teoria com a prática. É necessário o professor ter essas vivências (teoria e prática) para que possa ter segurança em realizar atividades pedagógicas pertinentes e ter consciência que as práticas vão tornar suas aulas mais atrativas e descontraídas. Assim, poderá certificar-se que a aula de Artes vai envolver momentos que proporcionarão reflexão e gosto pelo artístico, dando à criança a liberdade de criação, dessa forma, desenvolvendo desde cedo o olhar sensível para o mundo no qual está inserida.

Na contramão da realidade constatada, Iavelberger firma que:

Para trabalhar de acordo com a orientação dos PCNs, o professor de Arte precisa de vivências de criação pessoal em arte que lhe propiciem a assimilação de conhecimentos técnicos para realizar a transposição didática nas situações de aprendizagem que envolvem o fazer, a apreciação e a reflexão sobre arte como produto cultural e histórico". (IAVELBERG,2003,p.52)

Nos anos iniciais, a criança trabalha os conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Língua Estrangeira e Educação Física, em que a interdisciplinaridade faz parte da rotina escolar, havendo um tratamento mais igualitário entre as diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, facilita para o professor trabalhar a Arte nesses diferentes campos educacionais.

Nesse sentido:

A interdisciplinaridade ocorre quando, ao tratar de um assunto dentro de uma disciplina, você lança mão dos conhecimentos de outra. Ao estudar a velocidade e as condições de multiplicação de um vírus, por exemplo, é possível falar de uma epidemia ocorrida no passado devido às precárias condições de saúde e higiene e à pobreza do local. Daí, é possível até explorar, em outros momentos, os aspectos políticos e econômicos que geraram tamanha pobreza. A interdisciplinaridade é, portanto, a articulação que existe entre as disciplinas para que o conhecimento do aluno seja global, e não fragmentado (CAVALCANTI, 2008)

A interdisciplinaridade nos anos iniciais faz com que o educando tenha um conhecimento geral de vários conteúdos ao mesmo tempo. É nesse sentido que a Arte pode se tornar uma aliada, a qual ajudará o professor tornando as aulas prazerosas e motivadoras.

Ana Amália Barbosa afirma que:

Quando aprendemos algo, aprendemos melhor, ou fixamos melhor na memória, se o relacionarmos a um evento, pessoa ou até a outro conhecimento. Raramente as pessoas irão aprender sem fazer relações com conhecimentos já de antemão adquiridos. (BARBOSA, 2003p.105)

Ana Amália, (2003, p.108) afirma que as aulas expositivas e participativas fixam com mais facilidade na memória, pois o aluno toma conta de seu aprendizado, e isso se dá nas aulas de Artes, onde ele vai fazer criações, desenvolvendo seu lado crítico e observador.

Formar um aluno criativo e com um olhar mais atento para o mundo que o cerca é obrigação da escola e do professor.

Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação. (ANA MAE BARBOSA, 2003, p 14)

Para que a Arte possa se tornar um meio de formação de um indivíduo criativo e crítico, é necessário que os poderes públicos criem formas para que o professor faça acontecer e fruir a Arte e preocupar-se com a forma de como é ensinada.

O que se observa no cotidiano das escolas é que as Artes visuais são ensinadas de maneira hierárquica, sendo trabalhadas em datas comemorativas, confecções de presentes ou desenhos e pinturas, utilizando tinta guache e pincéis.

A livre expressão é um fator importante e pode-se trabalhar a qualquer momento a partir do que o aluno traz de sua cultura, mas o que não pode ser confundido é a improvisação com criatividade. A Arte que deveria perpassar pelo âmbito escolar é a Arte que vai exigir um aluno informado e consciente.

Segundo Barbosa (2003), não se pode conhecer a cultura de um país sem conhecer sua Arte, além de despertar uma sensibilidade para o lado artístico, também é necessário um olhar sensível para a cultura dos estudantes.

Os conteúdos de Artes estabelecidos pelos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental têm como base três eixos norteadores: criação, produção e reflexão.

Por meio do convívio com o universo da arte, os alunos podem conhecer:

- o fazer artístico como experiência poética (a técnica e o fazer como articulação de significados e experimentação de materiais e suportes variados);
- o fazer artístico como desenvolvimento de potencialidades: percepção, reflexão, sensibilidade, imaginação, intuição, curiosidade e flexibilidade;
- o fazer artístico como experiência de interação (celebração e simbolização de histórias grupais);
- o objeto artístico como forma (sua estrutura ou leis internas de formatividade);
- o objeto artístico como produção cultural (documento do imaginário humano, sua historicidade e sua diversidade).

O que se tem percebido, no ambiente escolar, é que as escolas públicas e privadas que dispõem de aulas de Arte em períodos regulares, não contam com professores qualificados, com a devida formação em Artes. Para que esses eixos norteadores sejam colocados em prática com resultados satisfatórios, é preciso uma dedicação maior por parte dos educadores, ou seja, seria necessário um comprometimento maior por partes dos mesmos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte, estabelece que a arte tem uma função tão importante quanto outras disciplinas dentro do ambiente escolar.

Atualmente, as Artes Plásticas Visuais têm dado ênfase para o uso de imagens. Fayga Ostrower (1990) já falava que as imagens fundamentam-se nas linguagens simbólicas. Trabalhar com o uso de imagens será uma maneira encontrada pelo professor para que seu aluno se relacione com o seu meio, ou seja, a partir disso ele poderá fazer conexões com a imagem e sua realidade. Dessa maneira, irá trabalhar seu olhar sensível e seu pensamento crítico, podendo assim levar um conhecimento para sua vida, seu crescimento pessoal e profissional e também o tornando um adulto mais seguro em si mesmo.

Assim Ostrower afirma que:

As noções que vamos ganhando da realidade do mundo e de nós mesmos elaboram-se em nossas mentes através de imagens. Guardemos bem este aspecto fundamental de nossa imaginação: percebemos, compreendemos, criamos e nos comunicamos, sempre por intermédio de imagens, formas. (FAYGA OSTROWER, 1990, p.51).

É importante ter conhecimento sobre a arte visual contemporânea. Falar e trabalhar as imagens em sala de aula pode ser motivo de valorização da herança e da cultura que o educando traz dentro de seu tempo, sempre lembrando que a produção de imagens são bastante diversificadas.

Segundo Lucia Gouvêa Pimentel (2003), esse movimento faz brotar um aluno crítico, ou seja, um aluno que tem a sensibilidade de analisar o que lhe é apresentado e que não se sinta intimidado ao se expressar através do que está vendo e, assim, descobrir sensações novas, talvez trabalhado dentro de si o desejo e o amor pelas Artes. Não se pode querer despertar em um indivíduo o amor pelo que lhe é desconhecido.

Pimentel (2003) afirma que:

Não podemos nos esquecer que, para que possamos pensar artisticamente, é necessário que tenhamos um pensamento crítico, isto é, que saibamos analisar o que nos é apresentado e nos posicionar frente a isso.(GOUVÊA PIMENTEL 2006, p.114)

As imagens trabalhadas em sala de aula são apresentadas pelo professor e serão parte presente no dia a dia do aluno, segundo Pimentel (2003) cabe ao professor definir essas imagens e para isso deverá estar a par de quais imagens fazem parte da vida do seu aluno.

Analisando o ensino da Arte, dentro do ensino fundamental, de acordo com o que traz os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p 39), pode-se questionar o que as escolas – tanto públicas como privadas – fazem para que o ensino da Arte possa ser desenvolvido com ênfase para contribuir para o ensino-aprendizado, ajudando assim no desenvolvimento do aluno. A figura 5 – que aparece logo abaixo e a figura 6 – da página 22, mostram que além de trabalhar o surgimento da Arte, ou seja, a arte Rupestre com uma turma de Anos Iniciais, a professora utilizou a técnica da pintura com terra e carvão para que as crianças representassem o seu cotidiano, sua rotina, como o homem da pré-história fazia em cavernas, deixar ali o seu registro, sua rotina. Dessa maneira, além das crianças receberem a teoria (textos e vídeos), com certeza a atividade de Arte fortaleceu o aprendizado desse aluno por meio da prática que ocorreu fora do ambiente da sala, onde o aluno participou com mais ênfase e prazer, pois saíram de uma rotina diária.

Figura 5 – A rotina da criança por meio da Arte Rupestre



Fonte: Autor

Figura 6 – A rotina da criança por meio da Arte Rupestre



Fonte: autor

Para os PCNs (1997), são objetivos das Artes que o aluno consiga expressar e comunicar-se mantendo uma atitude de reflexão na produção artística, assim faz-se necessário interagir com materiais e instrumentos, proporcionando uma busca

pessoal e/ou coletiva em que a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade são procedimentos variados nas Artes Visuais, Dança, Música e Teatro de forma a experimentar e conhecer a melhor forma de utilizar em suas produções pessoais.

Os PCNs (1997) preconizam ainda “edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções, permitindo compreender a arte como fato histórico interligada na cultura dos povos, do patrimônio cultural e do universo natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos”

Cabe ainda ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) propõem que através das Artes é possível observar as relações entre o homem e a realidade, despertando interesse e curiosidade, que promovem a discussão e o poder de argumentação. Dessa forma, o educando poderá ter acesso a conhecimentos sobre as artes e seu mundo, dando-lhe oportunidades que somente, em muitas realidades, será o espaço escolar que vai lhe oferecer.

Sabe-se que muitas crianças vivem em uma realidade que jamais vão lhe oportunizar momentos de cultura e proximidade com qualquer obra ou com o mundo artístico. Sendo assim:

Compreender e identificar aspectos da função e dos resultados do trabalho do artista, reconhecendo, em sua própria experiência de aprendiz, aspectos do processo percorrido pelo artista; • buscar e saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos nos espaços da escola e fora dela (livros, revistas, jornais, ilustrações, diapositivos, vídeos, discos, cartazes) e acervos públicos (museus, galerias, centros de cultura, bibliotecas, fonotecas, videotecas, cinematecas), reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias. (PCN, 1997, p. 39)

Diante de tantos aspectos relevantes propostos pelos PCNs (1997), pode-se então pensar e questionar-se o porquê de não haver a devida valorização da Arte dentro das escolas.

2.5 Os fatores que levam a possíveis resistências contra as práticas artísticas no ambiente escolar

A disciplina de Artes, para muitos professores dos anos iniciais, é um componente angustiante, principalmente na hora em que precisam planejar atividades que serão trabalhadas em sala de aula.

Vera Lucia Mallmann (2015), em seu projeto sobre os “Impasses no desenvolvimento das atividades de Arte-Educação no ambiente escolar”, enfatiza, em sua revisão teórica, a preocupação dos educadores em desenvolver atividades que causam sujeira e desorganização no espaço da sala de aula. Então, é possível perceber o porquê de escolas destinarem um espaço somente para a realização das atividades de Artes, assim proporcionando mais liberdade tanto para professores como para os alunos.

Richter afirma que:

Torna-se fundamental o adulto planejar sua ação em relação à organização do espaço físico para suportar o inevitável e necessário caos inicial, pois são destes momentos, com a ajuda do adulto, que emerge a organização individual e coletiva da criança (RICHTER, 1999, p.53).

A partir do que foi observado por Mallmann (2015), verifica-se que a disciplina de Arte é trabalhada de maneira rápida e sem aprofundamento dos temas relacionados, assim como é comum o professor levar atividades prontas, em que a Arte-Criação não é explorada pelo aluno e professor. E torna-se muito visível quando são trabalhadas datas comemorativas, como dia das mães, dia dos pais, dia do índio, do soldado, páscoa, natal, entre tantas outras, em que muitas vezes o professor traz uma folha xerocada em que todos colorem ou fazem uma atividade absolutamente igual, sendo exposto muitas vezes nos corredores, onde se percebe claramente a falta de autoria propriamente dita. Com frequência, a própria equipe diretiva e pedagógica da escola valoriza esta prática e não há uma orientação adequada de como desenvolver atividades diversificadas.

Muitas vezes, a insegurança e o medo de não saber como direcionar sua aula é visível nos professores, isso ocorre por não terem uma formação no campo das Artes ou até por falta de planejamento e respeito ao que a Arte pode desenvolver na formação do aluno.

Para que a criança possa produzir e transportar suas emoções nas atividades apresentadas e assim desenvolver sua criação, é necessário que ela se sinta em um ambiente seguro, onde usará sua liberdade na hora de reproduzir o que sente. Percebe-se que as crianças mantêm uma relação com os materiais e propostas que lhe são oferecidos, interagindo de forma recíproca e com satisfação, dando-lhe oportunidades de liberdade de expressão.

Conforme Schwall (2012), a criança é inesperada, espontânea, ou seja, não se sabe certo, quais serão seus resultados e de que maneira ela irá reagir diante do que lhe é oferecido. Deixá-la interagir com o meio que lhe é oferecido é uma maneira de saber o que de fato lhe chama a atenção e o que ela gosta. Para isso, o educador deve ter uma postura segura diante do que vai trabalhar para transmitir ao aluno.

As maneiras nas quais as crianças inventam com os materiais costumam ser inesperadas e surpreendentes; portanto, é importante que os adultos que trabalham com crianças adotem uma postura de liberdade e possibilidade ilimitadas em relação ao trabalho destas. (SCHWALL, 2012, p.32).

Considerando que a criança tem grande facilidade de liberdade de expressão, podemos aqui trazer, mas não como foco principal do trabalho, a teoria das Inteligências Múltiplas, cuja teoria contribui para que se promova uma educação que respeite a criança. Segundo Gardner (1994), a Teoria das Inteligências Múltiplas é contrária a afirmação de que a inteligência é única, uma vez que cada ser humano desenvolve vários tipos de inteligências. Gardner (1994) definiu através de suas pesquisas, oito tipos diferentes de inteligência, entre elas a Inteligência Linguística – que é a capacidade de comunicação oral do ser humano, que o leva a comunicação escrita e gestual, a Inteligência Musical – explica que áreas do cérebro são capazes de desempenhar a composição musical e a Inteligência Corporal e Sinestésica – são as habilidades motoras do corpo que facilitam a expressão das emoções. Portanto, esse tipo de inteligência expressa os sentimentos através do corpo. Com essas pesquisas, Gardner (1994) afirma que o indivíduo possui uma dessas inteligências mais desenvolvida.

No campo das Artes, essas pesquisas revelam que as Inteligências Múltiplas podem vir ao encontro da aprendizagem, conhecendo os saberes que serão trabalhados e desenvolvidos, em prol da criação e expressão do indivíduo. Pensar a

partir da teoria de Gardner (1994) seria a maneira de modelar a educação de maneira expressiva, dando lugar à criação e ao experimento do aluno, enriquecendo o campo das Artes, tanto na Arte visual, dança, música e teatro.

Talvez os educadores podem relacionar as inteligências Múltiplas como um método a ser descoberto e desenvolvido em cada aluno. O profissional das Artes está qualificado para desenvolver as mesmas e promover uma educação mais significativa, valorizando cada fator a ser desempenhado dentro deste campo.

Desenvolver o exercício da reflexão com o aluno, com certeza, vai o ajudar a tornar-se um indivíduo com olhar mais atento para as coisas que o cercam, assim tornando-o um ser crítico e também criativo. Portanto, podemos pensar que o exercício da reflexão visa trazer um aluno desafiador, o qual vai se impor aos desafios apresentados e também poderá se tornar um pesquisador, alguém que não se contentará com o conhecimento pronto, sempre correndo atrás de novos conhecimentos.

Gardner, em seu Livro: “Estruturas da Mente – A Teoria das Inteligências Múltiplas”, destaca que:

Um momento de reflexão revela que cada um destes indivíduos está atingindo um elevado grau de competência em um campo desafiador e considerar-se-ia, empregando-se qualquer definição razoável do termo, que apresentam um comportamento inteligente.(GARDNER, 1994, p.4).

Dentro do campo das Artes, descobrir e trabalhar as Inteligências Múltiplas – Linguística, Musical e Corporal – de cada aluno, poderá enriquecer as atividades, bem como também ajudá-lo a descobrir-se para o mundo e, muitas vezes, em sua vocação.

Os três eixos norteadores que estão nos conteúdos de Artes nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental são: apreciação, produção e reflexão. Podemos dizer que as aulas de Artes não se resumem em pintar ou desenvolver práticas somente em datas comemorativas. Cada vez torna-se mais clara a real importância das artes.

Jusamara Souza (2010) afirma que mesmo diante de tais discursos, as escolas ainda confundem a disciplina de Artes com a Educação Artística, o que consta na Lei. 5692/71. Souza também destaca, em seu artigo, que não é assegurada uma carga horária mínima semanal, fazendo com que as escolas decidam em oferecer a música ou artes visuais. Contudo, mesmo existindo a lei

assegurando a obrigatoriedade das Artes, ainda restam dúvidas, segundo Souza. Outro ponto que interfere, prejudicando o exercício da arte, é que pouco se pergunta ou ouve o que os alunos necessitam de verdade.

Desconsideram-se, muitas vezes, quais temas que poderiam ser trabalhados e trazidos para a realidade em que o aluno, tanto crianças como adolescentes, se encontram. Segundo Souza, os interesses estão mais ligados ao que se pode transmitir para o educando do que ele necessita verdadeiramente.

Analice Dutra Pillar, no livro de Ana Mae Barbosa(2003), destaca que o papel da Arte na escola se deve às relações do conhecimento do aluno com o mundo em que vive.

O papel da Arte na educação está relacionado aos aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. Expressar o modo de ver o mundo nas linguagens artísticas, dando forma e colorido ao que, até então, se encontrava no domínio da imaginação, da percepção, é uma das funções da Arte na escola. (PILLAR. 2003, p.71)

É essencial que a escola faça relações do aluno com o contexto em que ele está inserido. Deixar que o aluno parta de sua busca, experimente-se dentro de cada atividade recebida, pois o professor será somente um mediador, e o aluno se encarregará, a partir da linguagem artística, em desenvolver o seu potencial e sua criatividade. Trabalhar o corpo como uma forma de expressão, movimento e conhecimento do aluno em si mesmo, nada mais é do que deixar o aluno livre para a criação, conforme vemos nas imagens 7 e 8, a seguir.

Outro aspecto, que tem se observado nas escolas, é que muito pouco se trabalha o movimento do corpo, não se dá a oportunidade dessa atividade, por meio da qual o aluno passará a conhecer sua limitação, dando liberdade de criação do movimento corporal.

Segundo Duarte Jr. (2001), o corpo com a sua sensibilidade tem uma ligação forte com o mundo, o autor afirma que nosso corpo vai criando significações. Dessa forma, trabalhar o movimento do corpo com a criança, através da dança, seria parte fundamental das Artes para a livre expressão e criação do movimento, é deixar a criança se experimentar para poder descobrir suas limitações e seu nível de criação.

Pensar a dança como liberdade de movimento, expressão, criação e também como uma maneira de trabalhar a área motora da criança são funções que as Artes exercem no ambiente escolar. Conforme mostra a figura 7 e a figura 8, logo abaixo,

a criança tem facilidade de movimento e se observa nitidamente a alegria e espontaneidade que elas têm ao realizar tais práticas.

Figura 7 - Corpo e movimento – aulas de dança



Fonte: Autor

Figura 8 – Corpo e movimento – aulas de dança



Fonte: Autor

2.6 As artes e o exercício da sensibilização no ensino contemporâneo

Os Parâmetros Curriculares Nacionais asseguram a disciplina de Artes como obrigatória nas escolas e afirmam que pode favorecer e facilitar o aprendizado em relação às demais disciplinas. Porém, entre a teoria e a prática, nota-se que existe uma grande distância.

O processo das Artes está intimamente ligado à cultura de um povo. A realidade vivida pela população, tanto em termos econômicos, como políticos, sociais e religiosos, sempre reflete sobre as pessoas e a manifestação das artes. Quando o contexto vivido não favorece a livre expressão e demonstração, quem perde é o indivíduo que vai deixando de ser criativo e não resgatando sua cultura de origem. Pensando dessa forma, entra o papel da escola e do professor, que deverão trabalhar com o aluno para desenvolver um olhar mais sensível ao mundo que o cerca, levando em consideração o seu pensamento crítico.

Duarte Jr. (2001) afirma que “o mundo antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto do sensível”. Trabalhar a sensibilidade é nada mais que obrigação do professor. Podemos destacar que é fundamental o papel das Artes dentro do ambiente escolar desde a infância, visando desenvolver esse olhar de percepção.

Duarte Jr. Destaca que:

De pronto e ao longo da vida aprendemos sempre com o “mundo vivido”, através de nossa sensibilidade e nossa percepção, que permitem nos alimentarmos dessas espantosas qualidades do real nos cerca: sons, cores, sabores, texturas e odores, numa miríade de impressões que o corpo ordena, na construção dos sentidos primeiro. (DUARTE JR.2001, p13)

Segundo o autor, é necessário que a escola dedique sua atenção para a educação do sensível, pois se sabe que a criatividade e a sensibilidade estão entrelaçadas e juntas são fatores importantes para a formação e a criação da identidade do aluno como ser integrante em uma sociedade.

Pillar (1999) destaca que o papel da Arte em relação à educação está ligado aos aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. É papel fundamental da escola e do professor dar cor, vida, permitindo que a imaginação aflore e seja expressa de maneira para que o mundo a conheça.

Segundo Pillar, existe uma diferenciação entre o olhar e ver, ela vai dizer que alguns autores como Smith, 1997; Cañizal, 1998; Zamboni, 1998, afirmam que se costuma olhar sem ver. O homem está tão acostumado com seu cotidiano e sua rotina e trabalhando todos os sentidos que estão relacionados ao sensível, que passam despercebidos momentos que poderiam ser vividos em sua intensidade. Pillar explica que a arte, leitura e releitura estão de alguma forma ligados, mas que muitas vezes, não se tem uma real compressão do que está realmente implicado no exercício da Arte. Segundo a autora, que por muito tempo realizou estudos em relação à leitura, “para compreender precisamos decodificar e se apenas decodificamos sem compreender, a leitura não acontece” (PILLAR, 2001, p11).

O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda a sua intensidade. (PILLAR, 2003, p 73)

A partir destes pressupostos, nota-se que o exercício da sensibilização dentro do processo de aprendizado pode ser papel da escola e que professor pode criar técnicas para desenvolver um olhar mais aguçado, em que o aluno poderá olhar e ao mesmo tempo dar um significado real para o que está vendo. Por isso, é necessário pensar em educar o olhar da criança já na educação infantil e dar continuidade nos anos iniciais, possibilitar através das cores e das formas que ela tenha uma visão crítica das imagens apresentadas, respeitando o tempo e as características de cada indivíduo.

Paulo Freire (1995) diz que:

A opção realmente libertadora recusa, de um lado, a prática manipuladora, de outro, uma prática espontaneísta. A manipulação é castradora, por isso autoritária. O espontaneísmo é licencioso por isso irresponsável. (FREIRE, 1995).

Refletindo sobre o pensamento de Freire, não existe uma única maneira correta para o professor ensinar ou até mesmo avaliar a leitura que o aluno fará, pois o educador terá o papel de mediador, para que a criança se expresse de maneira espontânea e ao mesmo tempo reflita sobre o que está observando. O exercício da sensibilização dentro do processo de ensino e aprendizagem tem como tarefa entender a leitura que a criança fará e não ditar regras. Este exercício tem como ponto principal educar o olhar sensível da criança desde a educação infantil, anos iniciais e dando continuidade durante toda a sua trajetória escolar.

A Arte está presente dentro de cada ser humano, segundo Freire (1995), e não pode ser esquecida, pois é partindo do simples e o popular que se vivencia o sentido do ser humano.

Apresentar imagens é a forma de comunicação entre o aluno e a arte. É importante que se observe o olhar da criança em relação às obras de arte, para perceber a leitura que fará delas e qual o seu nível de compreensão. Para isso, é necessário entender o que mais impressiona e como ela interpreta tais imagens. Dar a criança momentos de contato com as obras artísticas é dar-lhe oportunidade de conhecimento em relação ao mundo cultural, muitas vezes desconhecido para tal.

Perceber a arte com o olhar sensível é notar-se dentro de um processo de consciência, percepção e autopercepção. Ostrower (1990) afirma, sobre as linguagens artísticas, que é o momento de sentir-se presente em seu universo, pertencer a momentos que são somente do próprio indivíduo. É com a arte e este mundo do sensível, que o aluno vai tornar-se um indivíduo com o olhar atento para o mundo ao seu redor, ao qual faz parte, dando-lhe oportunidade de ter experiências e conhecer a si mesmo.

Ostrower afirma que:

É o caminho primeiro, único e último, de cada um realizar sua capacidade de sentir e pensar, de sentir-se e pensar-se dentro do mundo em que vive. (OSTROWER, 1990, p.81)

Podemos perceber que a arte é uma trilha percorrida por todos, mesmo que mais tarde se tome rumos diferentes, que vão depender do contexto cultural em que o indivíduo se encontre, mas é necessário que através do sensível ele possa expressar-se sem medo dentro do mundo que o cerca.

Santos et al. (2012) em sua investigação em uma escola de Ensino Fundamental de Pelotas /RS, observa que as práticas pedagógicas/sensíveis contribuem de maneira positiva no processo de aprendizagem e socialização da criança. Santos, observou que o sentir e o pensar vão fazer com que o aluno realize as atividades com mais tranquilidade e afetividade, facilitando seu aprendizado nos conteúdos escolares, portanto, estará constituindo um indivíduo harmonioso com interesse nas descobertas do seu dia a dia.

Assim, fica claro que as Artes possuem um papel de extrema importância dentro do ambiente escolar, saindo da teoria para a prática. A disciplina de Artes

precisa ser valorizada pela equipe escolar, assumindo um espaço qualificado dentro desse ambiente, pois deve ser um local aonde vai se envolver sensibilidade, emoções e percepções da criança durante sua infância. É através da Arte que o aluno vai explorar o seu lado criativo, podendo assim utilizar todos os sentidos que envolvam pensamento e movimento, ou seja, cérebro e corpo.

Dentro das observações de Santos (2012), a Arte não pode ser ensinada, mas o professor vai ser um mediador para que o aluno se expresse e juntos possam realizar criações. A Arte não pode ser uma mera disciplina dentro do currículo escolar, pois ela traz consigo temáticas e ensinamentos que serão capazes de trazer reflexão e mostrar a forma de pensar e agir do aluno.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, que se configura por envolver e valorizar a realidade que foi observada, sempre de maneira cuidadosa e atenta ao que foi analisado. Foram entrevistas realizadas, por meio de conversa atenta e sensível aos detalhes importantes, e coleta de informações. A realização da pesquisa ocorreu mediante muita leitura, análise e reflexões.

Os métodos usados na pesquisa qualitativa foram aplicações de entrevistas e observações na área de investigação. Foram ferramentas simples, mas que auxiliaram e contribuíram no momento em que os dados foram analisados, enriquecendo a escrita final do trabalho.

As entrevistas foram realizadas com professores formados e não formados na área das Artes, os quais executam atividades relacionadas à disciplina em seu plano de aula. Procurou-se, durante as entrevistas, realizar um diálogo e ter um olhar sensível para encontrar informações relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Durante o diálogo realizado, foi fundamental respeitar o contexto encontrado, compreender as opiniões e dar atenção às experiências abordadas, dessa forma, foi possível obter dados importantes. Esse momento proporcionou um conjunto de reações, atitudes e ações que surgiram simultaneamente. Lembrando que a pesquisa é de ordem qualitativa, portanto, é importante salientar que ela envolve o olhar atento do pesquisador sobre as pessoas que participaram das entrevistas, contribuindo com as análises dos dados obtidos.

Foram entrevistados três professores formados na área das Artes e três não formados nessa disciplina. Ambos os grupos referem-se a professores que atuam em turmas de anos iniciais, de escolas públicas e/ou privadas, do município de Venâncio Aires, Vale do Rio Pardo/RS. O questionário, contendo quinze perguntas, foi realizado nas escolas onde os professores atuam, abordando sobre o papel da Arte e buscando descobrir quais as dificuldades enfrentadas no dia a dia.

Segue, abaixo, o questionário e as respectivas respostas dos entrevistados:

1. Idade e tempo de atuação:

Professor A: 36 anos / atuação: 14 anos

Professor B: 34 anos / atuação: 01 ano

Professor C: 45 anos / atuação: 15 anos

Professor D: 35 anos / atuação: 06 anos

Professor E: 62 anos / atuação: 25 anos

Professor F: 29 anos / atuação: 02 anos

2. Formação Acadêmica:

Professor A: Pedagogia e Pós Graduação em Educação e Saberes Docentes

Professor B: Licenciatura em Pedagogia

Professor C: Pedagogia em Anos Iniciais

Professor D: Artes e Pós Graduação em Educação Musical

Professor E: Educação Artística e Licenciatura Plena em Música (UFMS /RS)

Professor F: Licenciatura em Artes (UFMS / RS)

3. Trabalha em escola pública ou privada?

Professor A: Escola pública e privada

Professor B: Escola privada

Professor C: Escola privada

Professor D: Escola pública e privada

Professor E: Iniciou em escola privada por 1ano e após escola pública

Professor F: Escola pública

4. Como você define a Arte?

Professor A: É uma expressão da vida, dos sentimentos e das emoções em que o ser humano libera por meio da música, dança, pintura, teatro e outros. (sic.)

Professor B: Arte é o trabalho das emoções, percepções, ideias, imaginações... Enfim, sempre envolvendo produção trabalho e construção. O aluno pode se descobrir por meio dela, descobrindo suas habilidades, e até onde vai a sua imaginação. (sic.)

Professor C: É o conjunto de ideias que colocadas em prática, produz técnicas diferentes que vão manifestar criatividade. (sic.)

Professor D: Maneira de expressão do indivíduo, busca da cultura e de conhecimento, espaço em que se propõem a liberdade de criação e movimento do aluno e a formação de um educando crítico. (sic.)

Professor E: Arte é tudo o que eleva o espírito humano; é um meio de ir além da percepção da realidade, do óbvio e de fazer sonhar, idealizar e dar sentido a vida. (sic.)

Professor F: Esta pergunta é extremamente difícil de ser respondida. Não acredito que haja uma definição, uma verdade apenas. enxergo a Arte como a poesia escondida no cotidiano, um refúgio do mundo real. É uma forma de expressar os sentimentos e inquietações. (sic.)

5. A Arte pode ser uma ferramenta para outras disciplinas do currículo?

Professor A: Deve ser de suma importância na formação do indivíduo, sua sensibilidade e expressões, assim facilitando sua forma de aprender. (sic.)

Professor B: Sim, com base nos conteúdos que são trabalhados em outras disciplinas, podem-se criar coreografias, realizar peças teatrais - encenando personagens de determinado tema, criar ou mesmo copiar obras de determinados artistas. Vincular questões de interesse de cada área (disciplina) com a participação dos alunos. (sic.)

Professor C: Sim, pois com a criatividade vamos desenvolver e despertar outras habilidades nos alunos. (sic.)

Professor D: Sim, principalmente no campo das Ciências, História e Matemática. Um exemplo que pode ser citado é na Matemática, em que se usa a Óptica Arte - sensibilidade de movimento trabalha medidas e formas geométricas. Nas Ciências, trabalha-se com a reprodução de materiais, sucatas... E na História trabalha-se muito com as telas Renascentistas. Assim criando aulas expositivas e prazerosas. (sic.)

Professor E: Pode e deve no sentido de criar; como técnica é só uma ferramenta, mas pode oportunizar sensibilidades que podem complementar as áreas do conhecimento do ser. (sic.)

Professor F: Eu discordo totalmente da ideia de Arte enquanto ferramenta para qualquer coisa, pois a Arte é uma linguagem com especificidades próprias e tem tanto para ser estudado e descoberto, quanto qualquer outra disciplina. Acredito em trabalhos inter e transdisciplinares, que envolvem as diversas áreas do conhecimento e proporcionam o rompimento das barreiras entre as disciplinas e um processo de ensino aprendizagem integrado e muito satisfatório. (sic.)

6. Como você, professor, desenvolve a Arte em sua sala de aula?

Professor A: Para ser sincera, eu “tento”, mas na maioria das vezes fracasso, reproduzo o que aprendi e por saber. Por não ter formação e conhecimento, acabo por trabalhar poucas Artes em minhas aulas. (sic.)

Professor B: Criando oportunidades para que os alunos desenvolvam suas habilidades, algumas vezes em grupo, outras individuais, usando diversidade de materiais e muita imaginação. Cada aluno tem seus limites, alguns desenvolvem e mostram mais seus trabalhos artísticos, onde o lado “artista” é mais explorado, outras são mais retraídas e fazem de acordo com o que pensam saber. (sic.)

Professor C: Com diversificação, criatividade e estimulando o aluno a criar. (sic.)

Professor D: Procuo entrar nos conteúdos de outras disciplinas e assim fazer vínculos com o professor. Desenvolver técnicas que estimulem a motricidade e também trabalhar dentro da proposta trazida pelo aluno, valorizando o mesmo. (sic.)

Professor E: Sempre procurei destacar a liberdade de criação fundamentada sempre num aspecto da arte específico; poderia ser da linguagem plástica, musical, ritmos, gêneros musicais, do teatro, da poesia, cinema, arquitetura, da história da Arte, artistas, sobre qualquer campo do conhecimento artístico em geral, para ter uma fundamentação teórica e ampliar os horizontes da percepção e conhecimento e então sensibilizar. (sic.)

Professor F: Como leciono apenas Arte e Teatro, desenvolvo a partir dos Planos de Estudos, elaborando Planos de Trabalho e adaptando-os para realidade dos educandos. (sic.)

7. Estando a Arte dentro dos parâmetros curriculares (LDB), como você percebe esta questão por parte dos órgãos públicos ou até mesmo por parte diretiva das escolas?

Professor A: Arte não tem espaço no currículo, usada para preencher lacunas da escola, qualquer professor trabalha, sem levar em consideração a sua importância, sua finalidade na formação do estudante. (sic.)

Professor B: Pela sua importância e por oferecer aos alunos oportunidades para a vida, ela é desfavorecida não tendo a mesma seriedade de outras disciplinas. (sic.)

Professor C: Muita resistência por parte do professor, por ser uma disciplina que desacomoda. (sic.)

Professor D: Percebo nas escolas que trabalho que é uma disciplina bem aceita. Mas poderiam pensar em separá-la por módulos e assim os alunos optarem por dança, música, teatro... Enfim, trabalhar com projetos. (sic.)

Professor E: A Arte pode ser educativa no sentido de vivenciar manifestações culturais e desenvolver atividades no campo do conhecimento por meio da sensibilidade que fundamenta a Arte, justo o aspecto geralmente deixado em segundo plano pelos educadores ou autoridades responsáveis; esses promovem a Arte, mas exigem uma resposta mais pragmática em vez de oferecer uma formação mais sensível, pois a criança está apenas explorando o mundo a sua volta. (sic.)

Professor F: Acredito que o problema reside na parte em que, ainda hoje, as escolas busquem professores polivalentes em Arte, ou seja, que lecionem todas as linguagens artísticas, quando, atualmente, as graduações em Arte são específicas em uma das linguagens (Teatro, Dança, Música, ou Artes Visuais). O curso de licenciatura em qualquer uma das linguagens dura quatro anos, como qualquer outra formação acadêmica, não há mais a formação em educação Artística, como antigamente. Portanto, forma-se professor para uma das linguagens, mas quando chegamos à escola, temos que lecionar as quatro, mesmo que na LDB conste a questão do professor ser formado na área específica. (sic.)

8. Quais são as dificuldades enfrentadas?

Professor A: São muitas as dificuldades: formação, apoio e incentivo por parte diretiva, materiais adequados, ou seja, recursos financeiros. (sic.)

Professor B: Alguns alunos ainda deixam a desejar quanto a sua autonomia, necessitando de muita ajuda. (sic.)

Professor C: Não tenho, acredito que as dificuldades é a pessoa que cria, temos que ir em busca do conhecimento para então desenvolver o trabalho, não esperar que nos seja dado tudo. (sic.)

Professor D: Quanto à escola pública, acredito ser a falta de um espaço adequado, como uma sala para as atividades de Artes e também a falta de materiais, o que já não acontece na escola privada, pois é tranquila a disponibilidade de materiais e espaço. (sic.)

Professor E: Dificuldades quanto ao espaço físico adequado, algum material e equipamento e também o próprio aluno às vezes vem com experiência muito limitadora e negativa de sua capacidade; autoestima baixa gerava uma barreira à experimentação do novo. (sic.)

Professor F: O desinteresse e a falta de comprometimento dos educandos com os trabalhos desenvolvidos é uma das maiores dificuldades. (sic.)

9. Professores não formados sentem-se seguros e apoiados para desenvolver a disciplina?

Professor A: Acredito que seja uma questão geral, que por não serem formados sentem-se inseguros ao desenvolver tais habilidades e também não possuem apoio da escola na questão de oferecer maneiras para se trabalhar o conteúdo. (sic.)

Professor B: Depende muito da sua organização e força de vontade, é preciso pesquisar e ir em busca do conhecimento e da informação. (sic.)

Professor C: Acredito que não, o que acontece é a falta de vontade. (sic.)

Professor D: Penso que não tem apoio, buscam sozinhos a informação e muitas vezes essa busca é prejudicada por não saberem onde buscar o conhecimento e assim dificultando o seu planejamento. (sic.)

Professor E: Penso que por não serem formados haja certa insegurança. A intenção do professor sempre é boa, mas melhor quando se tem a formação específica, seria o ideal. (sic.)

Professor F: Acredito que não, pois diferentemente do que muitos ainda pensam, a Arte é uma disciplina como as outras, no quesito conteúdos, estudos, pesquisas; é necessário que a disciplina seja ministrada por professores com

formação na área, para um desenvolvimento maior da linguagem artística e melhor aproveitamento por parte dos alunos. Por experiência própria, percebo os desafios em trabalhar quatro linguagens artísticas, quando a minha formação é em apenas uma delas; se assim já é difícil, é possível imaginar que para um professor que não tenha afinidade com a área, com nenhuma formação em alguma das linguagens artísticas, seja ainda mais complicado. (sic.)

10. Como se percebe a aceitação da Arte em relação aos educandos?

Professor A: Uma resistência de estudo, buscar, passam apenas coisas inúteis sem saber o que realmente estão fazendo, ou seja, falta de buscar o conhecimento específico. (sic.)

Professor B: A grande maioria sente-se bem em revelar seu potencial artístico. (sic.)

Professor C: Percebo boa aceitação, sentem-se bem em descobrir-se e experimentar-se. (sic.)

Professor D: No ensino fundamental é bem tranquilo, demonstram aceitação e o retorno sempre é maior quanto ao ensino médio, pois nesse período a idade tem sua contribuição para uma resistência maior; acham que podem fazer o que querem que não precisam realizar tais atividades, e também a questão dos celulares, jogos... O querer tudo pronto leva a alguma aceitação. (sic.)

Professor E: Nos anos iniciais sempre foi bem esperada, no adolescente vai mais de acordo com a forma de expressão que já lhe é preferida, ou a Arte Visual, ou Música, literatura, poesia, dança, etc. Por isso também é interessante oportunizar oficinas extraclasse específicas, indiferente da idade do educando, que vão de encontro com o gosto individual. (sic.)

Professor F: Assim como as demais disciplinas, há quem tenha mais identificação e há quem não encontre afinidade com os conteúdos e propostas da aula. Trabalho com afinco para que os educandos compreendam que a Arte não é somente as Artes Visuais, pois, tradicionalmente, os educandos têm aula de Arte com professores que não são da área ou que são das Artes Visuais, por esse motivo, costuma-se trabalhar muito com desenho e pintura, e esta passa a ser a referência da Arte para os educandos, mas é fundamental que eles saibam que temos mais três linguagens que também precisam ser trabalhadas. (sic.)

11. Como professor, você percebe que acontece uma valorização dessa disciplina por parte da família? Se não acontece, por quê?

Professor A: Percebo que não acontecem, pois é uma questão cultural; os pais querem conteúdo, aprendizagem concreta. (sic.)

Professor B: Sim, existe uma valorização por parte dos pais; muitos trabalhos realizados em família voltam com ênfase na responsabilidade e dedicação. Acontece o apoio por parte da grande maioria, principalmente nas famílias bem estruturadas. (sic.)

Professor C: Todas as famílias apreciam, valorizam, gostam de ver os trabalhos realizados por seus filhos. (sic.)

Professor D: Sim, os pais valorizam muito, pois percebem que seu filho gosta e sentem-se bem ao expor suas criações. Famílias mais estruturadas vêm melhor a questão da Arte e participam mais. (sic.)

Professor E: Sim, pais valorizam a Arte ou tudo que seu filho mostra quanto a sua sensibilidade. (sic.)

Professor F: Depende muito da família, há famílias que encaram e valorizam todas as disciplinas igualmente, mas também há famílias que sobressaem algumas disciplinas e sugerem dedicação e empenho maior nessas. Continua sendo uma questão cultural, que ainda precisa ser refletida pela maioria das pessoas. (sic.)

12. Quais os artistas brasileiros que você costuma trabalhar com seus alunos?

Professor A: Tarsila do Amaral e Romero Brito. (sic.)

Professor B: Vincent Van Gogh, Maurício de Souza. (sic.)

Professor C: Romero Brito, Tarsila do Amaral, Vik Muniz, Iberê Camargo, Di Cavalcanti, Cândido Portinari. (sic.)

Professor D: Beatriz Milhazes, Cândido Portinari, Ivan Cruz (brincadeiras antigas). (sic.)

Professor E: Artistas das Artes Visuais do barroco, o Aleijadinho, Neoclássico-Acadêmico Victor Meirelles, Pedro Américo, Modernismo, Di Cavalcanti, Portinari, Anita Malfatti, Contemporâneo, Iberê Camargo, na música Villa-Lobos e na Arquitetura Niemeyer e artistas locais e regionais. (sic.)

Professor F: Varia muito, de acordo com os conteúdos e a linguagem artística. Na música, por exemplo, trago referências mais atuais, que dialoguem com os

gostos dos educandos. No Teatro e Dança, apresento grupos e cias, desconhecidas, mas que fizeram/fazem trabalhos significativos. (sic.)

13. Você costuma visitar exposições e mostras culturais com seus alunos?

Professor A: Não, falta de interesse pela direção da escola que não oportuniza esses momentos. (sic.)

Professor B: Não, costumo passar vídeos e imagens de mostras culturais. (sic.)

Professor C: Poucas, uma vez a escola oportunizou a ida para a Bienal, também se visita a feira do livro da cidade e a peças de teatro locais. (sic.)

Professor D: Depende muito de a escola oferecer acesso a essas visitas, mas o que se procura ir com as turmas é no Museu da cidade. (sic.)

Professor E: Visitas às exposições locais, teatro, cinema, apresentações de modo geral, visita a POA para conhecer locais de exposições, salas de espetáculos culturais, teatro São Pedro e a Bienal do MERCOSUL e a feira do livro. (sic.)

Professor F: Infelizmente não, em nossa cidade não temos muitas possibilidades nessa área. (sic.)

14. Você recebe assessoria por parte da escola para desenvolver os conteúdos e habilidades de artes?

Professor A: Não, a escola pensa que nós temos que fazer da nossa maneira, mas não nos oferece assessoria nenhuma. (sic.)

Professor B: Sim, sempre que preciso de algum material, a escola tenta demonstrar interesse em colaborar. (sic.)

Professor C: Muita, em todos os sentidos, um exemplo é a questão de materiais. (sic.)

Professor D: Recebo apoio da escola com os projetos, materiais e com espaço físico para apresentações de trabalhos, como a EXPOCAJ. (sic.)

Professor E: Somente na questão de exposição dos trabalhos, espaços como o auditório da escola. (sic.)

Professor F: Sim, sempre que solicito, recebo apoio por parte da escola para o desenvolvimento de projetos, ações, atividades e trabalhos da área. (sic.)

15. A falta de formação específica na área das Artes prejudica seu trabalho nessa área?

Professor A: Prejudica muito, se fossemos formados ou se proporcionassem cursos nessa área, saberíamos o que realmente estamos trabalhando com nossos alunos. (sic.)

Professor B: Não, com tanta tecnologia a busca por informações se torna prático e acessível. (sic.)

Professor C: Procuo dar o meu melhor fazendo o que posso, mas sei que a formação seria essencial par realizar um bom trabalho. (sic.)

Professor D: Varia de professor para professor. Existem professores formados e que realizam sempre o mesmo trabalho, sem inovação, e professores não formados que fazem um excelente trabalho, tem muito com o gostar da Arte. Em Artes o professor constrói o seu conteúdo. (sic.)

Professor E: Como professora formada é difícil responder a esta pergunta, mas acredito que seja um desafio maior para estes professores. (sic.)

Professor F: Sou formada na área, então não quero falar por eles. (sic.)

3.2 Coleta e análise de dados

Após um diálogo, as questões da entrevista foram entregues aos entrevistados, os quais responderam de acordo com suas vivências e experiências. Posteriormente, realizou-se a coleta do questionário e foi feita a leitura das colocações de cada professor. Alguns dos docentes se dispuseram a gravar suas falas, em seguida, os áudios foram ouvidos e transcritos. Dessa forma, iniciou-se a análise das informações. Em seguida, cada professor foi nomeado com letras do alfabeto, partindo da letra A até a letra F. Dessa forma, foi possível examinar os dados obtidos com mais clareza, analisando de forma mais objetiva e pontuando ideias importantes e críticas dos entrevistados.

A pesquisa qualitativa foi realizada com seis professores no total. Entre eles, três não possuem formação em Artes (e sim em Pedagogia), mas desenvolvem atividades relacionadas à disciplina artística em suas aulas. E os outros três possuem formação e atuam na área, sendo que ambos os grupos trabalham em escolas públicas e/ou privadas.

Muitos aspectos relevantes foram abordados pelos entrevistados. Ficou notório que cada professor possui suas próprias ideias, convicções e conhecimento diante do assunto, de acordo com sua área de estudo, tempo em que atuam na profissão e experiências em distintas escolas, considerando também as diferentes realidades.

Os professores entrevistados definiram que a arte é uma forma de expressão dos sentimentos, das emoções, das percepções, é um conjunto de ideias que vão produzir técnicas diferentes, é a busca da cultura, expressão, inquietudes, identidade... De acordo com suas respostas, a arte eleva o espírito humano, é um meio de ir além da percepção da realidade, do óbvio, ela dá um sentido à vida, é poesia, é sentimento. Os docentes demonstraram o quanto valorizam as Artes.

A maioria dos professores concordou que a Arte pode ser uma aliada para outras disciplinas, fazendo com que o aluno tenha mais interesse e prazer em aprender. Somente uma professora, formada na área, discorda, de acordo com sua opinião, a Arte tem suas especificidades e linguagens próprias, é uma disciplina que tem muito a ser estudada como qualquer outra do currículo. Segundo essa professora, a Arte proporciona o rompimento das barreiras entre as disciplinas e o aprendizado, por outro lado, no final de sua fala, ela também diz que pode ser feito um trabalho interdisciplinar satisfatório. E nesse ponto, é importante enfatizar, que ser aliada pode significar esse trabalho entre as disciplinas, e, cada vez mais, é preciso pensar na interdisciplinaridade como uma ferramenta valiosa no ensino.

Abordando sobre a questão das dificuldades, algumas foram destacadas, como a falta de materiais e de um ambiente específico para desenvolver a disciplina, problema que ocorre principalmente em escola pública; falta de valorização pela equipe diretiva da escola, no sentido de não dar suporte para o desenvolvimento dos trabalhos; a falta de interesse e de comprometimento, com as atividades desenvolvidas, por parte dos educandos. Outro fator que pode dificultar é a questão da formação, foi lembrado que, atualmente, a tecnologia favorece a busca pela instrução, então está mais fácil adquirir novos conhecimentos para realizar um bom trabalho, mas ser formado na área agrega muito ao saber.

Ao abordarem essa questão da falta de formação específica prejudicar o andamento do trabalho, foi ressaltado que existem muitos veículos disponíveis para a busca de informações e que muito depende do professor trazer consigo uma paixão pela disciplina, dessa forma, realizar aulas inovadoras e criativas. Muitas

vezes, professores que são formados fazem sempre o mesmo trabalho, sem inovar. Portanto, há quem pense que é o professor quem constrói seu conteúdo, independente de ser ou não formado. Porém, expressaram, em várias falas, que a formação tem importância.

Foi abordado também, que quando se opta pelo curso de Artes, geralmente o acadêmico tem que escolher somente uma linguagem artística, enquanto existem outras, e que quando formados e atuando em escolas, precisam desenvolver todas elas, como o Teatro, Dança, Música e Artes Visuais, dificultando o trabalho, pois possuem formação somente em uma. Portanto, para um professor de qualquer área, é fundamental estar sempre lendo, estudando, buscando e aprimorando o conhecimento.

Uma questão levantada, por professores formados e não formados, foi a de que a Arte é bem compreendida e aceita nas famílias - principalmente nas que são bem estruturadas, pois gostam de ver os trabalhos dos filhos. Esse ponto reforça a ideia de que é papel fundamental da escola levar a arte para o convívio familiar, despertando o olhar sensível dos alunos, sendo possível levar essa sensibilidade da Arte para perto da família e da comunidade em que estão inseridos, independente de classe, pois a escola é o veículo que fará essa ponte e que atinge a todos os níveis sociais.

Por meio das entrevistas, foi possível perceber aspectos positivos e negativos em relação ao estudo das Artes. Foram citados obstáculos e, em alguns momentos, até uma “ponta” de angústia, pois os professores têm o conceito da importância desse componente curricular, mas muitas vezes ficam desamparados pela escola (lembrando que esse é um problema que ocorre principalmente nas escolas públicas). Mas mesmo em meio às dificuldades, há quem valorize, há escolas que auxiliam, há alunos interessados e há professores que buscam realizar um ótimo trabalho.

Enfim, conseguir voluntários para a entrevista não foi tão simples, alguns professores optaram por não dar seu depoimento por acharem que a falta de formação os impediam, outros por falta de tempo. Mas os seis professores entrevistados aceitaram gentilmente e colaboraram com suas percepções, experiências e pensamentos críticos. Dessa forma, observou-se o quanto eles acreditam no potencial da Arte, enfatizando a criatividade e estimulando o aluno a criar, enfrentando e vencendo desafios.

3.3 Proposta de atividade

Para aplicar uma atividade artística, foi escolhida uma turma de anos iniciais, com alunos de faixa etária entre 09 e 10 anos. O objetivo da proposta é desenvolver a Arte em sala de aula de uma maneira diferente e divertida com as crianças, mesmo o professor não possuindo formação específica na área das Artes. Dessa forma, trazendo materiais diferenciados, fugindo do tradicional, que seriam as colagens, recortes e desenhos prontos.

Pode-se pensar em trabalhar diferentes artistas plásticos, de maneira que não se torne algo cansativo, mas prazeroso e cheio de aprendizagem. Para isso, dando ênfase a diferentes técnicas, que poderão proporcionar ao aluno oportunidades de criação, experimentação e despertar para outras habilidades.

No momento em que a proposta da atividade foi sendo realizada, se pensou em trabalhar sobre a artista contemporânea brasileira Regina Silveira, a qual os alunos desconheciam, visando aguçar sua curiosidade pela referida artista. Além disso, proporcionar um momento de ensino aprendizagem motivador e significativo.

3.4 Desenvolvimento da atividade

Após a definição da turma e a artista, o trabalho foi aplicado da seguinte forma:

Foi levado para a sala de aula um retroprojektor, objetos trazidos pelas crianças, como: guarda-chuva, bichos de pelúcia, luminárias, lanternas, cadeiras, caixas de frutas de madeiras e outros, um rolo de papel pardo, pincéis e tinta guache na cor preta.

No primeiro momento, as crianças assistiram vídeos da artista Regina Silveira, observando diferentes trabalhos elaborados por ela, bem como sua biografia e entrevistas. Nessa primeira parte, eles também realizaram registros em seus cadernos.

Em seguida, houve uma conversa bem descontraída com os alunos, explicando sobre a atividade que seria desenvolvida durante a manhã. As crianças, primeiramente, foram estudando e descobrindo quais os melhores objetos que poderiam ser projetados sob a luz do retroprojektor. Durante essa análise, chamou atenção o fato de que logo surgiu a ideia de usar as sombras dos próprios colegas,

momento em que eles puderam criar melhores poses e definir o que cada um poderia segurar, imaginando como ficaria no papel. Puderam usar muita criatividade e empolgação.

O que chamou a atenção dos alunos foi o retroprojetor, material desconhecido por todos e um recurso importante para a realização da atividade. Alguns alunos trouxeram lanternas de casa, mas acabaram não sendo utilizadas devido à presença do aparelho que tanto eles gostaram.

Na sequência da atividade, o papel pardo foi colado em uma parede, adequando o melhor ângulo da luz sobre o objeto trazido por eles e a maneira do colega se posicionar, conforme as imagens 9 e 10.

Figura 9 – Escolha das imagens feitas pelos alunos.



Fonte: Autor

Figura 10 – Escolha dos objetos.



Fonte: Autor

Em seguida, enquanto as crianças e os objetos escolhidos ficavam sob a luz do retroprojetor, os colegas contornavam a sua sombra. Isso exigia uma rapidez nos movimentos, para que os contornos ficassem com certa precisão, pois a criança não conseguia ficar por muito tempo sem se mexer, nas imagens 11, 12, 13 e 14.

Figura 11 – Contorno das sombras.



Fonte: Autor

Figura 12 – Exploração das sombras



Fonte: Autor

Figura 13 – Exploração das sombras



Fonte: Autor

Figura 14 – Exploração das sombras



Fonte: Autor

Dessa forma, o exercício foi “correndo solto” por toda a manhã, ou seja, os alunos se envolveram, participaram, criaram e demonstraram interesse por essa atividade artística. Eles foram desenvolvendo novas ideias a cada imagem refletida, percebiam novas possibilidades de criação e sugeriam o que mais poderiam desenhar.

Figura 15 – Alunos e o retroprojektor



Fonte: Autor

Figura 16 – Organização do material



Fonte: Autor

Após as produções das imagens, os estudantes reuniram-se em grupos para pintar as criações. Foram utilizados pincéis e tinta guache, com esse material, as crianças foram pintando as sombras riscadas, conforme as figuras 17, 18, 19, 20 e 21. Depois de secas, as pinturas foram recortadas, deixando somente a figura exposta, dessa maneira, concluindo o trabalho.

Figura 17 – Pintura das imagens



Fonte: Autor

Figura 18 – Pintura das imagens



Fonte: Autor

Figura 19 – Pintura das imagens



Fonte: Autor

Figura 20 – Trabalho pronto com recorte



Fonte: Autor

Figura 21 – Trabalho pronto com recorte



Fonte: Autor

Durante a tarde, foi realizada uma exposição na entrada da escola. Foram coladas nas paredes de corredores, juntamente com objetos referentes a cada sombra, gerando a sensação de que era realmente a sombra projetada na parede.

Figura 22 – Exposição do trabalho na escola



Fonte: Autor

Figura 23 – Exposição do trabalho na escola



Fonte: Autor

Figura 24 – Exposição do trabalho na escola



Fonte: Autor

Figura 25 – Exposição do trabalho na escola



Fonte: Autor

Figura 26 – Exposição do trabalho na escola



Fonte: Autor

Figura 27 – Exposição do trabalho na escola



Fonte: Autor

Figura 28 – Exposição do trabalho na escola



Fonte: Autor

Esse trabalho despertou o interesse de toda a escola e rendeu muitos elogios de professores, direção e alunos. Todos paravam para olhar o diferencial do trabalho produzido pelas crianças. Foi um trabalho gratificante para todos os envolvidos. Um professor é mediador, ele promove e instiga, como aqui mostrado, ele traz uma proposta e os alunos vão desenvolvendo suas próprias ideias de criação.

3.5 Análises da atividade

Durante a realização da atividade, com a turma de anos iniciais, com alunos de faixa etária entre 09 e 10 anos, percebeu-se o quanto as Artes podem fazer parte da rotina escolar e fazer um grande diferencial no planejamento do professor. Foi visível o quanto os estudantes se dispuseram e movimentaram-se para que todo o trabalho pudesse acontecer, desde o momento em que foi pedido para que trouxessem os objetos, lanternas e demais materiais. Todos demonstraram dedicação na busca em casa, para que tudo pudesse dar certo no dia.

Essa atividade foi uma proposta definida durante o planejamento, mas mediante a realização despertou ideias para outras habilidades. Uma delas, a fotografia. Os próprios alunos puderam fotografar por meio do celular o que se

estava fazendo a todo o momento, escolhiam o melhor ângulo para fotografar, deitavam-se no chão, subiam em cadeiras, cuidadosos para não perder o melhor foco. Outra sugestão, contação de histórias. Devido ao retroprojeter, os próprios alunos pensaram, em outro momento, com formação de grupos, que poderiam reproduzir personagens de livros infantis. Podem ser usadas chapas de raios-X e assim contarem histórias com as imagens refletidas.

A atividade foi marcada por muita alegria e participação de todos os alunos. A cooperação e o interesse foram realmente satisfatórios. Foi observado que a Arte pode e deve ser trabalhada de maneira diferente na sala de aula, fugindo do tradicional, instigando a curiosidade e buscando promover um entusiasmo pela criação.

Quando finalizado o trabalho, foi proporcionado um momento de diálogo com os alunos sobre o que sentiram em desenvolver essa proposta nova e diferente. Eles enfatizaram, de modo geral, que foi uma ótima experiência. Foi notável que a cada hora surgiam novas curiosidades e descobertas. Além disso, apontaram o retroprojeter como algo diferente, que não tinham conhecimento. Atualmente, com tantos avanços tecnológicos, é um aparelho praticamente esquecido, mas que ainda pode colaborar para novos projetos.

Dessa maneira, fica claro o quanto a Arte pode ser trabalhada de maneira lúdica, utilizando diversos materiais, inclusive aqueles que estão depositados nas escolas e sem uso. Dessa forma, dando oportunidades ao surgimento de tantas outras habilidades, que levam a criança à exploração e à experimentação. E, ao mesmo tempo, é possível criar uma aula diferenciada dentro do planejamento do professor. Lembrando que, para essa proposta, não foi necessária uma formação específica na área das Artes e sim a busca do conhecimento, que se deu por meio de pesquisa e uma troca de experiência com um professor formado nessa área artística.

Essa aula levou a uma análise de como foi importante esse momento diferenciado, pois fortaleceu o vínculo com as crianças. Foi um dia diferente, com muita alegria, em que todos descobriram como podem se transformar em pequenos artistas. Trouxe também um olhar sensível por parte dos demais professores e parte diretiva da escola, principalmente no momento em que foi feita a exposição na escola. Houve também o reconhecimento dos pais, lembrando que é sempre

importante ver o que o filho produz em sala de aula. Ao verem esse trabalho, as famílias ficaram orgulhosas e algumas se demonstraram emocionadas.

Por meio da realização dessa proposta, foi observado o quanto a Arte pode auxiliar para novas experiências, vivências e aprendizagens. Esse pode ser um caminho para o diferencial, dentro de um planejamento do professor. Pode ser uma ferramenta e uma estratégia para outras disciplinas do currículo escolar. Além disso, pode gerar sensibilidade, uma nova visão e mover sentimentos em todos que conseguem ter o contato com trabalhos ou obras.

Dentro do ambiente escolar é possível realizar trabalhos excelentes. Os professores que compõem o corpo docente podem transformar suas aulas, é possível realizar projetos interdisciplinares de qualidade. Para isso, é importante aprender a trabalhar com seus alunos a educação artística e incluí-la em seus planejamentos, buscando resultados positivos, visando à aprendizagem. Dessa forma, ficou visível a relevância da Arte dentro das escolas.

3.6 Análises finais

Analisar os dados coletados das entrevistas com os professores e fazendo uma conexão com a atividade realizada em sala de aula com alunos dos anos iniciais, conclui-se que realmente a Arte é um disparador para levar a criança a produzir, despertar a criação, exploração e experimentação, como muitos professores nas entrevistas definiram o papel da Arte na escola.

O depoimento dos professores aconteceu de maneira descontraída, sendo momentos de troca de experiências e questionário escrito facilitou a análise das diversas opiniões. Muitos relatos estavam de acordo com as ideias da pesquisa. Foram destacadas dificuldades, inquietudes e, o mais importante, a Arte como vínculo para outras disciplinas, podendo ser transformadora, motivadora e inspiradora.

A Arte pode e deve ser um disparador das emoções, uma mola propulsora que leva o aluno a liberdade de movimento e de criação, fazendo despertar para o mundo que o cerca e formando o seu lado crítico para o que lhe é apresentado. O que se pode pensar é que a Arte é um recurso simples e acessível de trabalho, capaz de ajudar o professor em sua rotina escolar e que vai promover as relações professor e aluno.

Proporcionar ao aluno um olhar sensível para o mundo que o rodeia deve ser uma obrigação das escolas, e para que isso seja possível, é necessário que os professores e a equipe diretiva reconheçam o papel importante que a Arte pode desempenhar, independente de sua formação acadêmica, para que seja realizado um bom trabalho. Para que a Arte aconteça, é importante lembrar que não há uma necessidade de o professor ter a formação, mas perceber o quanto ela é valiosa na construção do saber. Entretanto, é preciso deixar claro que ser formado na área faz diferença e agrega muito ao conhecimento, mas não é impossível trabalhar se beneficiando desse lado artístico, mesmo com uma formação em Pedagogia, por exemplo.

Ao analisar o trabalho dessa pesquisa de um modo geral, desde a construção do referencial teórico e partindo para as pesquisas de campo, observou-se que a Arte, em relação a outros tempos, tem assumido seu lugar dentro da escola ou até mesmo junto da família, embora ainda necessite uma maior conscientização, principalmente pelo próprio professor, que por medo ou comodismo deixa de trabalhá-la com mais intensidade.

Pensa-se na Arte e sua importância, mas muito pouco se tem feito para que possa ter o mesmo nível de importância em relação a outros componentes curriculares. A disciplina de Artes, muitas vezes, não é pensada como uma ferramenta e uma aliada para as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História e outras, no entanto, ela tem muito a contribuir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando que a Arte se faz presente na vida do indivíduo desde sua infância, e que mais tarde vai tomando um rumo diferente dependendo do contexto cultural de cada ser humano, observa-se que pode e deve assumir seu papel dentro do ambiente escolar. Ela pode ser ensinada, explorada, experimentada e criada pelos estudantes, sendo o professor somente o mediador, permitindo que a criança tenha a liberdade de se expressar, se desafiar e assim se descobrir dentro de suas potencialidades e especificidades.

É fundamental que a escola tenha esse olhar sensível, para então trabalhar com o seu aluno. Também é preciso um olhar atento e crítico para a realidade em que se está inserido, oportunizando novas experiências e descobertas que se relacionem com o contexto.

É interessante ressaltar que a troca de conhecimento, pesquisa, ideias e análise da atividade que foi trabalhada com alunos mostram que não existe uma única maneira correta do professor desenvolver a Arte, ele fará a mediação que vai despertar o seu aluno, o que ele traz consigo, sendo a Arte trabalhada com a criança desde o seu início na escola.

A falta de formação no curso de Artes não delimita o desenvolvimento de um planejamento que inclui a educação artística, mas é fundamental a busca de conhecimento. Um exemplo é a atividade desenvolvida neste projeto, a qual foi elaborada por meio de pesquisa e troca de experiência com professor formado no ramo.

Enfim, a Arte pode e deve ser trabalhada pelos professores desde os anos iniciais, buscando desenvolver práticas diferenciadas. Inclusive, é essencial não se importar com a desorganização da sala e se envolver com a prática, criando um

momento de ensino aprendizagem significativo. As práticas artísticas podem ser potencializadoras e aliadas para o desenvolvimento de aulas criativas e prazerosas para muitas disciplinas do currículo.

É pertinente reforçar que a busca do professor, pelo conhecimento das Artes, pode acontecer de maneira constante, por meio da tecnologia, troca de ideias com docentes que possuem a formação, com ajuda de referências bibliográficas que abordam o tema e também trabalhar aquilo que o docente oferece, do seu cotidiano e da sua cultura. É importante o professor saber que essa busca tem que partir dele próprio, de seu interesse em ampliar o seu repertório metodológico, para o aprendizado do seu aluno.

A arte precisa ser vivida com intensidade, para isso é essencial levar em consideração a sua importância para o aprendizado no âmbito escolar, elaborando atividades com significado, não seguindo apenas o tradicional. Percebe-se que a criança está sempre aberta a inovação e novas experiências, tem facilidade de expressar-se e assim dando o seu retorno e contribuição às propostas trazidas para dentro da sala de aula. Além disso, é fundamental pensar em todos os níveis sociais, sendo que é na escola que se encontra maior concentração de público de diferentes classes sociais. Nos estabelecimentos de ensino o trabalho das Artes pode se expandir e ser levado para todos os ambientes possíveis além dos muros da escola. Precisa-se acreditar no potencial transformador do indivíduo e nesse aspecto as Artes fazem o seu papel e se torna uma forte aliada para a construção de um sujeito preparado e seguro para a sua vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação**. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BARBOSA, Ana Amália. Interdisciplinaridade. In BARBOSA, Ana Mae (Org). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 2ªed. São Paulo: Cultrix, 2003, 184p.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte – Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARBOSA, Ana Mae (Org). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 2ªed. São Paulo: Cultrix, 2003, 184p.

_____. **Teoria e Prática da Educação Artística**. 1ªed. São Paulo: Cultrix, 1995, 115p.

BARROS E LEHFELD. **Metodologia Científica**. São Paulo: Mackron, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: 185º da Independência e 108º da República, 1996.

CAVALCANTI, M. **Vinte dicas para dominar as modernas práticas pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2008.

GARNER, Howard. **Estruturas da Mente – A Teoria das Inteligências Múltiplas**. 1ªed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, 340p.

LIBÂNEO, JOSÉ CARLOS. **Didática**. São Paulo; Cortez, 1994.

MALLMANN, Vera Lucia. **Impasses no desenvolvimento das atividades de Artes-Educação no ambiente escolar**. Lajeado, 2015.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. 1ªed. Rio de Janeiro: Campus, 1990, 289p.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. São Paulo, Cortez, 1995.

PILLAR, Analice Dutra (Org). **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. 2ªed. Porto Alegre: Mediação, 2001, 205p.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Presença Pedagógica**. Porto Alegre, v. 12, n. 67, p. 78-80, Jan./Fev. 2006.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 13.ª edição Petrópolis: Vozes, 1991.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 27ªed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Jailson Valentim; CASTILHOS, Joelma Santos; MEIRA, Mirela Ribeiro. **A educação do olhar sensível na infância a partir do professor–propositor**. CeArtes/Universidade Federal de Pelotas. 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara**. 32ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SCACHETTI, Ana Ligia. **Série especial: história da educação no Brasil**. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/1910/serie-especial-historia-da-educacao-no-brasil>. Acesso em: 17 mar. 2017.

SILVA, Aline Fernanda etall. **A Arte-educação no Cotidiano Escolar**. Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/548_640.pdf Acesso em: 29 mar. 2017.

SILVEIRA, Denise; CÓRDOVA, Fernanda. **Métodos de pesquisa / Pesquisa Científica**. <http://www.ufrgs.br/cursopqdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2017.

SOUZA, Jusamara. **Arte no ensino fundamental**. Belo Horizonte, 2010.